

Livro dos antepassados

Contents

Ancestors Notebook	2
Industrias reunidas ‘Vilar’	3
Industrias de Adelino Vilar	4
Educação primária	5
Pirolitos	6
Viagem a cabo Verde	7
Prenda de Natal 2004	8

Ancestors Notebook

Indústrias reunidas ‘Vilar’

Adelino Gonçalves Vilar

José da Costa Vilar

Amadeu da Costa Vilar

Manuel da Costa Vilar

Amigos e Srs:

Serve a presente para levar ao v/ conhecimento de que nesta data trespachei as m/ indústrias de Moagem, Refrigerantes e Papel aos m/filhos , José da Costa Vilar , Amadeu da Costa Vilar e Manuel da Costa Vilar, que, associando-se, continuarão a explorar as mesmas indústrias.

Tomei esta decisão, porque o m/ precário estado de saúde assim o exigiu, e fi-lo com satisfação por saber que os m/ filhos, que desde há muito vinham colaborando comigo, são pessoas suficientemente competentes para continuarem com os destinos das m/ indústrias.

Comunico também que fica todo o m/ Activo e Passivo ligado com as m/ indústrias até esta data a cargo da nova firma.

Ao abandonar esta carreira, quero agradecer a todos os m/ estimados amigos, clientes e fornecedores todas as atenções com que sempre me honraram e espero que continuarão a dispensar as mesmas aos m/ sucessores, que, certamente desempenharão por continuarem a bem servir V. Exc.^a

Particularmente me ponho ao v/ dipor e tenho a honra de me subscrever com a mais elevada estima e consideração.

De V. Exc^{as}. M.to At.to Venr. e Obg.do

Adelino Gonçalves Vilar

Indústrias de Adelino Vilar

Manuel Vilar

Adelino Vilar

Fabricas

Em Terroso, nas primeiras décadas do século, o meu pai, Adelino Gonçalves Vilar, investiu em pequenas empresas, quase artesanais, dos mais variados artigos, que na altura empregava alguns homens e mulheres que não tinham outro modo de subsistência. Para ir substitutindo os moinhos mais artesanais, fez uma fábrica de moagem, que com duas pedras moía os cereais dos lavradores. No lugar do Vilar, onde residia com a numerosa família que constituiu, também teve uma pequena fábrica/indústria de desnatar o leite das vacas para fazer a manteiga, que era vendida em grandes caixas de madeira. Mais tarde montou uma fábrica de refrigerantes que fabricava laranjadas, licores e também os chamados ‘pirolitos’. Além disso, criou uma montagem de dois engenhos para descascar linho e uma fábrica de fazer papel e cartir a partir da reciclagem desses produtos. Para completar a lista recorde-se a indústria de produzir tacões em madeira para calçado de homem e senhora. Assim, em meados do século XX, Terroso foi talvez a freguesia com mais empreendedorismo e indústrias do concelho da Póvoa de Varzim, no lugar do Vilar, onde residia um Homem com o mesmo nome, e que foi o grande responsável por essas obras dando, na altura grande nome à sua Terra e ao seu desenvolvimento.

Educação primária

Duarte Vilar

avô Vilar

Vitalina

Uma conversa muito engraçada, que acontece de forma recorrente entre o e sua esposa é sobre os seus "elevados graus de educação. Por norma regista-se por alguma disputa ou conflito intelectual, e ultima com uma das frases favoritas do meu avô ao dirigir-se à minha avó: "Tu lá sabes disso, só tens a 3^a classe..!" O meu avô só tem a 4^a.

Pirolitos

Manuel Vilar

avô Vilar

Adelino Vilar

pirolitos

A fábrica de refrigerantes Vilar foi construída pelo meu pai, Adelino Vilar, e por ele herdada. As laranjadas e outro tipo de bebidas foram, durante muitos anos, distribuídas num formato bastante peculiar. Hoje em dia utilizam-se especialmente latas. Apesar de não tão longínquo, naquela época usavam-se garrafas de vidro popularmente denominadas de pirolitos. Estas têm uma fisionomia similar a qualquer outra garrafa de vidro, com a exceção do gargalo ter em si imbutida uma bolinha de vidro solta. Qual o objetivo? Com a gasosa a ser inserida na garrafa, a bolinha não tinha qualquer outra opção que não ocupar o buraco do gargalo, selando a garrafa. As mesmas eram depois recolhidas por funcionários da empresa na rua, para as reutilizar. A meio/parte final do governo de Salazar, estas garrafas foram abolidas por supostos problemas de higiene.

Viagem a cabo Verde

Duarte Manuel Vilar de Oliveira

avô Vilar

Após uma visita ao meu irmão a Lisboa naquela que foi uma estadia de pouco menos de uma semana regressamos juntos a casa, na Póvoa, e decidimos visitar os nossos avós maternos com os quais já não estávamos há umas semanas.

Depois dos usuais cumprimentos e saudações entre avós e netos sentamo-nos a conversar sobre a nossa vida, acompanhados de alguns comentários sobre a atualidade política e social. A meio do diálogo o meu irmão informa meus avós que vai partir para Cabo Verde na semana que se avizinha. Apesar de contente, o meu lamenta-se profundamente, dizendo que apesar de já ter *visitado meio mundo Egito, Jerusalém, quase toda a Europa e também o Brasil* ainda não tinha conhecido essa ilha *outrora pertencente a Portugal*. Num impulso, diz que *há de falar com a nossa madrinha para ver umas viagens* e que um dia também irá também calcar solo cabo-verdense, ao mesmo tempo que a minha revira os olhos em discórdia e desacreditar. Rimo-nos.

Prenda de Natal 2004

Duarte Manuel Vilar de Oliveira

rádio Onda Viva

avô Vilar

Tinha eu cerca de 4 anos (talvez fossem 3, mas sem grandes certezas), na altura ainda andava no infantário, e umas 2 semanas antes do Natal, já em ambiente natalício veio a rádio Onda Viva entrevistar os alunos desse infantário. Queriam saber o que nós gostávamos de receber pelo Natal. Sendo eu sempre irreverente e sem vergonha, mal o microfone chegou à minha face, gritei que era o Duarte e que o que queria no Natal era uma moto 4.

Aqui entre nós, nem sei bem o que me passou pela cabeça para dizer aquilo, mas a verdade é que nesse mesmo momento estava o meu avô Vilar a ir para o Porto, de carro, com o rádio sintonizado na rádio Onda Viva. Coincidências das coincidências, até porque ele costuma ouvir a rádio Renascença, ouviu o meu pedido e para além de uma risota geral na minha família quando lhes contou, sempre recebi uma enorme moto 4 nesse mesmo Natal, daquelas que dá para conduzir e tudo.